

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Faculdade de Letras

Zuleide Dayane Castor Friedkin

**A diversidade de discursos evidenciados no podcast *A República das Milícias***

Belo Horizonte  
2024

Zuleide Dayane Castor Friedkin

**A diversidade de discursos evidenciados no podcast A  
*República das Milícias***

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Especialização apresentado ao Programa de  
Especialização em Leitura e Produção de  
textos da Faculdade de Letras da  
Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Especialista em Língua Portuguesa - Teorias  
e Práticas de Ensino de Leitura e Produção  
de Texto

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Lúcia Péret  
Dell'Isola.

Belo Horizonte

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

## ATA

### FACULDADE DE LETRAS

#### ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

Realizou-se, no dia 19 de julho de 2024, às 15:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A diversidade de discursos evidenciados no podcast A República das Milícias*, apresentado por ZULEIDE DAYANE CASTOR FRIEDKIN, número de registro 2023659536, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Regina Lúcia Péret Dell'Isola - Orientadora, Profa. Delaine Cafiero Bicalho (UFMG), Profa. Joelma Rezende Xavier (CEFET).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 19 de julho de 2024.

Profa. Regina Lúcia Péret Dell'Isola (Doutora)

Profa. Delaine Cafiero Bicalho (Doutora)

Profa. Joelma Rezende Xavier (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Joelma Rezende Xavier, Usuário Externo**, em 22/07/2024, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Delaine Cafiero Bicalho, Servidora aposentada**, em 23/07/2024, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regina Lúcia Péret Dell'Isola, Professora do Magistério Superior**, em 24/07/2024, às 08:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3311655** e o código CRC **DEEBCAF**D.



Universidade Federal de Minas Gerais.

Faculdade de Letras

Curso de Especialização em Língua Portuguesa – PROLEITURA

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Monografia submetida à Banca Examinadora designada pela Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, mais especificamente no âmbito das Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto.

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina L. Péret Dell'Isola, orientadora.

FALE-UFMG

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Delaine Cafiero

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Joelma Rezende Xavier

Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais

Belo Horizonte, 22 de julho de 2024

## AGRADECIMENTOS

*Embora um artigo acadêmico possa surgir como uma jornada solitária, é importante lembrar que cada brilho de inspiração e cada gesto de colaboração se entrelaçam como fios em uma tapeçaria, tornando-o único.*

*À minha adorada orientadora deste artigo, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Lúcia Péret Dell'Isola, expresso profunda gratidão pela orientação dedicada, pelo incentivo constante e pelo apoio generoso que sempre demonstrou. Aqui, manifesto também minha sincera apreciação pela amizade estabelecida e pela disponibilidade inestimável que ofereceu ao longo deste percurso.*

*Em especial, desejo expressar minha eterna gratidão a meu marido Evan, por ter segurado minha mão ao longo desta jornada e por cuidar de nossa filha Evie durante os inúmeros dias em que minha dedicação foi inteiramente voltada para esta produção.*

*À minha mãe, Dalcy, minha fortaleza por acreditar em mim e sempre me impulsionar a seguir em frente. Sua fé inabalável e sua orientação amorosa têm sido um guia precioso em minha vida.*

*Ao meu tio/pai Charles, por sempre apoiar e acreditar em meus sonhos. Sua presença significativa em minha vida é um tesouro que valorizo mais do que palavras podem expressar.*

*A minhas irmãs Sabrina e Nicolly, por serem meu porto seguro e cuidarem de nossa família, mesmo quando estou distante e não posso estar presente como desejo. Sou profundamente grata por tê-las como minhas irmãs e por todo o apoio incondicional que vocês oferecem.*

*À Mimi, por acreditar e torcer por cada vitória, desde o momento em que ingressei neste curso de especialização.*

*À minha amiga Naná, expresso minha profunda gratidão por sua disposição em buscar livros que não encontrava aqui nos EUA . Sua presença e apoio foram fundamentais.*

*Ao meu cunhado, Juninho, por tentar encontrar uma forma de ajudar com as inúmeras transcrições realizadas neste artigo, pela paciência e disposição.*

*À minha amiga do CBV para vida, Raquel Pedonni, por sempre embarcar em minhas loucuras, dedicar horas de sua atenção explicando assuntos e tentando me ajudar tanto academicamente quanto pessoalmente.*

*À minha amiga Claudia Alberico, pelas inúmeras vezes em que cuidou da Evie em sua casa, para que eu pudesse me dedicar, e pelas incontáveis vezes em que estendeu sua mão e seu*

*ombro amigo. E agradeço também ao marido da Cláudia, Tim Evans, por ter abraçado a minha Evie como sua e por ter ajudado a Cláudia cuidando da Evie.*

*Agradeço aos meus amores, Adriana, Marcelo, Dal, Denis, Zefinha e Mallu por serem meu apoio durante minha jornada de aprendizados.*

*Agradeço ao meu pai Adelson, por suas mensagens de apoio e confiança, e pelas trilhas sonoras que embalaram este artigo. Tenho certeza de que vovó Zuleide estaria muito orgulhosa de mim.*

*Agradeço aos meus companheiros de atividades, Alex Lopes e Andressa Oliveira. Nosso trio permanecerá para sempre em meu coração.*

*Agradeço todo o apoio de meus familiares americanos, Lisa, Brian, Matthew, Pop Pop, Lauren e Chris.*

*Agradeço aos meus amigos César e Helder, por acreditarem mais em mim do que eu mesma.*

*Agradeço às minhas amigas Laura, Katie, Jamie, Marília, Marcella, Thata, Paula, Kellie e Marijana, pela inspiração e encorajamento que me proporcionaram, incentivando-me a persistir mesmo nos dias mais desafiadores.*

*Como diz o sábio Manuel de Barros: "Eu não caminho para o fim, eu caminho para as origens." É na essência daquilo que sou, nas raízes que me sustentam, que encontro inspiração. Expresso profunda gratidão a todos que, de alguma forma, emprestaram sua luz para iluminar tanto minha jornada acadêmica quanto pessoal. Suas contribuições foram fundamentais para minha evolução e aprendizado.*

*Agradeço a Deus por todas as oportunidades que me foram concedidas, pela Sua constante força nos momentos de fraqueza e dificuldades. Sou especialmente grata pelas inúmeras ocasiões em que pensei em desistir, mas encontrei ânimo e perseverança através da minha fé, confiando na Sua orientação e apoio constante.*

*Dedico este trabalho à minha amada filha Evie, cuja presença irradia alegria e esperança em minha vida. Por ela, dedico todo o meu amor e empenho, na busca por um mundo onde o amor, a paz e a igualdade prevaleçam. Você é a minha luz, o mais próximo do céu que já experimentei. Sinto-me imensamente sortuda por tê-la ao meu lado.*

## RESUMO

Esta monografia analisa os discursos apresentados no podcast “República das Milícias”, concentrando-se nos elementos relacionados ao poder, masculinidade, corrupção e violência que permeiam as comunidades controladas pelas milícias no Rio de Janeiro. Adotando uma abordagem fundamentada na análise do discurso, investigamos como esses discursos são formulados e difundidos, destacando sua interação com o contexto histórico, social e ideológico. Esta análise parte dos conceitos de ideologia e discurso de Foucault, Pecheux, Brandão, entre outros. O podcast “República das Milícias” é destacado como uma plataforma de relevância para a compreensão do surgimento das milícias e como elas perpetuam sua força e poder, espalhando-se pelas favelas do Rio de Janeiro e por todo o Brasil. Através da análise dos discursos que permeiam esse podcast, este estudo busca entender as estratégias empregadas pelas milícias para legitimar sua autoridade e manter sua presença nas comunidades, ao mesmo tempo em que examina o papel do Estado nessas dinâmicas. Ao final, são oferecidas considerações sobre as implicações dos discursos das milícias na construção de identidades individuais e coletivas, destacando a complexidade das relações de poder e controle social envolvidas.

**Palavras-chave:** Milícias, podcast, análise do discurso, poder, masculinidade, corrupção, violência, Rio de Janeiro, Estado.

## ABSTRACT

This thesis analyzes the discourses presented in the podcast "República das Milícias" (Republic of the Militias), focusing on the elements related to power, masculinity, corruption, and violence that permeate the communities controlled by the militias in Rio de Janeiro. Adopting an approach based on discourse analysis, we investigate how these discourses are formulated and disseminated, highlighting their interaction with the historical, social, and ideological context. This analysis is based on theories such as the concepts of ideology and discourse from Foucault, Pecheux, Brandão, among others. The podcast "República das Milícias" is highlighted as a relevant platform for understanding the emergence of militias and how they perpetuate their strength and power, spreading throughout the favelas of Rio de Janeiro and across Brazil. Through discourse analysis, this study seeks to understand the strategies employed by the militias to legitimize their authority and maintain their presence in the communities while examining the state's role in these dynamics. Ultimately, considerations are offered on the implications of militia discourses for constructing individual and collective identities, accentuating the complexity of power relations and social control.

**Keywords:** Militias, podcast, discourse analysis, power, masculinity, corruption, violence, Rio de Janeiro, State.

## Sumário

Introdução .....	8
1. A constituição do discurso e o Podcast .....	10
2. “A República das Milícias” .....	14
3. Os diferentes e diversos discursos em “A República da Milícias” .....	21
• Discurso e Poder .....	23
• Discurso e Masculinidade .....	26
• Discurso e Violência .....	30
• Discurso e Corrupção .....	34
4. Considerações finais .....	40

## Introdução

Esta tese tem como objetivo evidenciar os aspectos ideológicos dos discursos presentes nas milícias do Rio de Janeiro veiculados por um podcast específico, focando especialmente nos elementos de poder, masculinidade, violência e corrupção que permeiam as comunidades afetadas por esses grupos paramilitares. O *corpus* deste trabalho foi construído a partir do Podcast "República das Milícias", conduzido pelo jornalista Bruno Paes Manso.

Na primeira parte deste estudo, abordam-se a noção de discurso e o gênero podcast, explorando a forma como os discursos são construídos e disseminados em meio ao contexto social e cultural. Com base em fundamentos da Análise do Discurso da Escola Francesa, buscou-se revelar como os discursos são moldados por diferentes fatores, incluindo o contexto histórico, social e ideológico. Ao considerar o gênero podcast, como uma forma contemporânea de comunicação, investigamos como os discursos se manifestam nesse meio específico, destacando sua relevância e impacto na disseminação de informações e construção de narrativas.

Na segunda parte, é apresentado o podcast "A República das Milícias", contextualizando sua importância como uma produção documental e investigativa que explora as complexidades das milícias no Rio de Janeiro. Através da elaboração de uma linha do tempo, delineamos uma visão panorâmica das transformações históricas que moldaram o cenário das milícias, desde suas origens até os eventos contemporâneos que influenciam sua atuação e impacto na sociedade carioca e brasileira como um todo.

Na terceira parte, são tratados os discursos relacionados ao poder, à masculinidade, à corrupção e à violência presentes no podcast analisado. Através da análise desses discursos, buscamos compreender como as milícias articulam sua autoridade e influência, explorando as estratégias linguísticas e discursivas utilizadas para legitimar e perpetuar sua presença nas comunidades cariocas. Além disso, abordamos as relações

complexas entre esses grupos paramilitares e as instituições oficiais, e como essas interações influenciam as estruturas de poder e controle social na cidade do Rio de Janeiro.

Ao final, são apresentadas considerações gerais que tratam de algumas conclusões e das principais reflexões alcançadas ao longo da pesquisa.

## 1. A constituição do discurso e o Podcast

Para a Análise do Discurso (AD), todo discurso está sempre em diálogo com outros discursos já estabelecidos. Braga (2011) afirma que o sujeito da linguagem não é simplesmente o indivíduo em si, pois ele utiliza uma linguagem que é socialmente construída. Em outras palavras, o sujeito não é a única fonte de sentido em sua fala, mas participa de um processo coletivo de produção de significado. Desse modo, o ambiente exerce influência nos indivíduos, tal como aponta Machado (2001):

O homem é um ser social (sentido amplo da palavra) criado/condicionado pela sociedade/cultura do lugar onde vive. Logo, enquanto sujeito-falante, ele “repete” a voz do social, mas o lado psicossocial-situacional lhe garante também uma individualidade. Nem completamente individual, nem completamente coletivo: um amálgama [mescla] dos dois. (MACHADO, 2001, p. 46)

Essa perspectiva reconhece a complexidade da identidade e da expressão individuais, evidenciando sua constante influência e moldagem pelo contexto social e pelas normas culturais vigentes. Embora os seres humanos façam parte de um todo social, eles também preservam uma autonomia e singularidade que os distinguem. Conforme Machado (2016), o sujeito que é retomado na Semiologia é um sujeito-social, uma espécie de ator de teatro que se desdobra em diferentes vozes, segundo os papéis que a sociedade o obriga a assumir e as circunstâncias comunicativas em que se encontra.

Charaudeau (1983, p.15) enfatiza que o ato de comunicar é arriscado, caracterizando-o como uma "aposta" que se faz com o outro, seja este um ouvinte ou leitor, poderá ou não captar o sentido do jogo linguageiro que tal ato subentende. Para melhor compreender esse jogo, entre os discursos no podcast vamos utilizar como base a “escola francesa de análise do discurso”. Para entendermos os trechos onde analisamos discursos, é essencial primeiro definir o que é um discurso, suas características principais e o seu fundamento. Em outras palavras, precisamos compreender o que

constitui um discurso, suas características essenciais e as bases sobre as quais ele se sustenta.

Segundo Foucault (1969), os discursos são compostos por elementos dispersos, não unificados, e a análise do discurso busca estabelecer regras de formação para compreender sua estrutura. Foucault também destaca a relação do discurso com o contexto e as relações de poder presentes na sociedade.

O estudo do discurso, conforme delineado por Brandão (2004), transcende a mera análise linguística ao abordar as interações entre linguagem e contexto social. A polissemia inerente ao termo "discurso" contribui para uma fluidez conceitual na AD, que se baseia em conceitos e métodos da linguística. Nesse sentido, é essencial considerar outras dimensões, conforme Maingueneau (1987) indica: o contexto institucional em que o discurso é produzido, que influencia fortemente a enunciação; os embates históricos e sociais que se cristalizam no discurso e espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo dentro de um interdiscurso.

A linguagem não é apenas um sistema interno, exigindo competência linguística dos usuários, mas também uma formação ideológica que se manifesta através de uma competência socioideológica. Dois conceitos fundamentais na AD são ideologia e discurso, influenciados pelas ideias de Althusser e Foucault, respectivamente. A partir dessas influências, Pecheux desenvolveu seus próprios conceitos, como a noção de "formação discursiva", derivada da Arqueologia do saber de Foucault. Este quadro teórico, enriquecido pela contribuição de Brandão (2004), fornece uma base sólida para a análise do discurso em diversos contextos.

Essa abordagem reconhece a complexidade do discurso, que vai além das estruturas gramaticais e reflete as condições sociais, históricas e ideológicas em que é produzido. Assim, a análise do discurso, segundo esses autores, revela não apenas aspectos linguísticos, mas também políticos, sociais e culturais presentes na construção de sentido por meio da linguagem.

As condições sociais, históricas e ideológicas desempenham um papel crucial na análise do discurso, e é por meio dessa perspectiva que os discursos extraídos do podcast "República das Milícias" serão analisados. Para uma compreensão mais aprofundada desses discursos dentro do podcast, é fundamental entender como esse tipo de mídia surgiu em nosso país, quais são suas características e qual a profundidade das dinâmicas comunicativas e discursivas que permeiam esse veículo de comunicação.

A teoria da midiamorfose, concebida por Bolter e Grusin (1999), propõe uma análise abrangente das adaptações dos meios de comunicação diante das transformações tecnológicas e culturais. Um exemplo emblemático dessa dinâmica é a jornada do rádio desde seus primórdios até sua integração na era digital, culminando no surgimento dos podcasts como uma nova forma de disseminação de conteúdo sonoro pela internet. O termo "podcasting", cunhado pelo jornalista britânico Hammersley em 2004, ao unir "iPod" da Apple com "broadcasting" (transmissão), marcou o início de uma nova era na comunicação sonora.

O impacto significativo dos podcasts foi evidenciado com o lançamento do podcast *Serial* em 2014, que investigou o caso de Adnan Syed. O rápido sucesso do *Serial* não apenas validou a ascensão dos podcasts como um meio relevante de entretenimento e informação, mas também catalisou o crescimento do setor, estimulando o surgimento de novas empresas, plataformas de distribuição e uma gama diversificada de programas, solidificando os podcasts como uma parte integral do panorama mediático contemporâneo.

Um estudo conduzido pela Magna e pela Vox Media nos Estados Unidos (2023) revelou que podcasters estão exercendo um impacto ainda maior do que os influenciadores tradicionais. Esses resultados destacam a crescente importância dos podcasts como uma plataforma de comunicação e entretenimento, oferecendo um espaço para discussão e informação que ressoa de maneira profunda com os ouvintes. Essa tendência aponta para uma nova era na qual os podcasters estão se tornando figuras proeminentes na formação de opinião e na disseminação de conteúdo.

Brasileiros começaram a produzir podcasts em 2004, mesmo ano em que surgiu nos Estados Unidos. Os podcasts nacionais começaram crescendo em popularidade, aqueles que apresentam narrativas de vida ou do cotidiano, bem como séries. No entanto, os formatos predominantes ainda são os de debate, educação, jornalismo temático e entrevistas, como observado por Silva e Santos (2020) ao analisarem os vinte podcasts mais populares tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos.

Segundo dados do IBOPE (2022), o Brasil possui uma audiência de mais de 30 milhões de ouvintes de podcasts, colocando-o como o terceiro maior consumidor desse formato no mundo, atrás apenas da Suécia e da Irlanda. Um dos principais atributos distintivos dos podcasts reside na ampla gama de temas abordados e nas diversas vozes que são inseridas no panorama midiático brasileiro.

Os podcasts têm proporcionado um ambiente propício para que grupos minoritários e indivíduos compartilhem suas narrativas. Nesse contexto, o podcast "República das Milícias" surge como um exemplo de produção midiática que une a popularidade do formato podcast com uma abordagem investigativa e analítica. Esse fenômeno não apenas enriquece a experiência auditiva do público, mas também desempenha um papel significativo ao conceder voz àqueles que vivenciam essa realidade, além de atender à demanda por conteúdo que aborde questões sociais e políticas relevantes.

## 2. “A República das Milícias”

O podcast "A República das Milícias" surge como uma produção importante pelo seu caráter documental e investigativo, resultado da colaboração entre o Globoplay e a Rádio Novelo. Inspirado na obra do jornalista Bruno Paes Manso, Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e pesquisador no Núcleo de Estudos da Violência da USP. Com uma dedicação de 22 anos à pesquisa e escrita sobre o universo criminal, Bruno Paes Manso proporciona uma base sólida e especializada para o conteúdo do podcast. A produção destaca-se pela inclusão de histórias inéditas, adicionando uma camada de complexidade à narrativa.

Bruno Manso revela como o crime organizado influenciou os setores legislativo e executivo, desempenhando papel crucial na transformação do Brasil em um dos países mais violentos do mundo. Com o objetivo de desvendar os enigmas por trás do controle miliciano sobre mais da metade do Rio de Janeiro (57% da área da cidade, segundo dados do disque denúncia), o podcast busca compreender não apenas como esses territórios são dominados pelas milícias, mas também examinar as raízes do estado de degradação da cidade. Bruno Paes Manso esclarece que

“se os policiais e os juristas olham para um crime procurando entender o que está errado e em como deveria ser, eu tento entender como é. Eles pensam em como fazer os outros obedecerem às regras. Eu procuro entender como e por que as pessoas pensam e agem desse jeito. Porque usam a violência, usam armas e matam. A minha pegada é mais próxima da de um psicólogo ou um antropólogo, não a de um policial”<sup>1</sup>.

O foco de Bruno Paes na pesquisa concentra-se em entender como membros das instituições encarregadas de zelar pela segurança pública passaram a competir

---

<sup>1</sup> As falas extraídas do Podcast “República das Milícias” estão entre aspas neste artigo para serem diferenciadas das citações.

diretamente com o tráfico de drogas pelo domínio da cidade. Esse novo modelo de crime organizado, chamado de milícia, é o epicentro da análise do podcast, proporcionando uma visão crítica e aprofundada sobre as transformações que moldaram a realidade carioca. A produção vai incorporar relatos de residentes dessas comunidades, experiências de indivíduos ligados à milícia e perspectivas de autoridades estaduais.

O podcast faz uso de elementos que remetem à cultura e à imagética característica do Rio de Janeiro e faz uso de recursos sonoros para explorar questões relacionadas ao tema central das milícias. A equipe também emprega diferentes recursos sonoros, como efeitos de distorção, para preservar a identidade de alguns entrevistados. Ao entrevistar pessoas com experiência na milícia, o podcast oferece uma imersão nos fatores que contribuíram para o cenário generalizado de criminalidade na cidade.

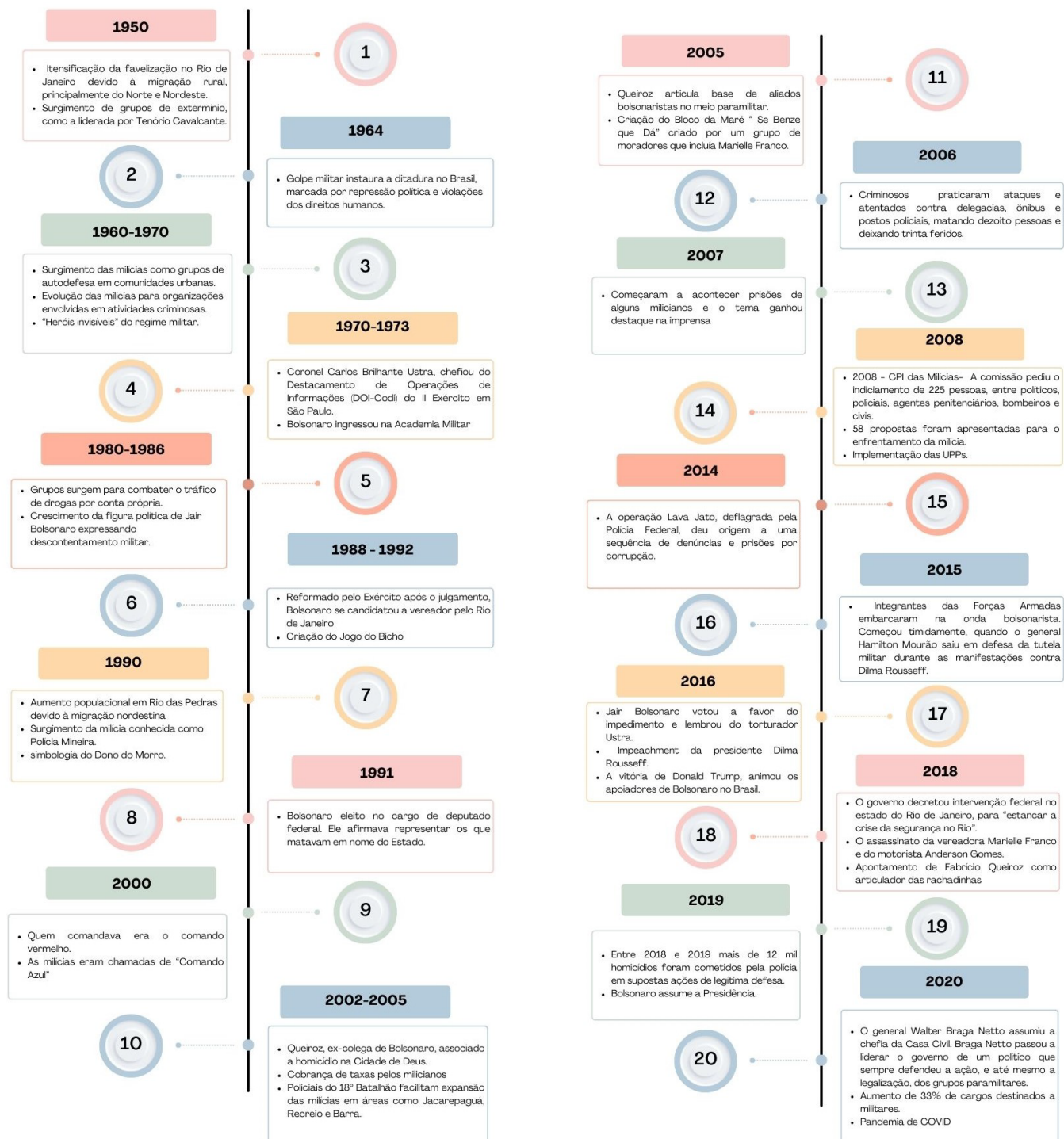
O podcast "República das Milícias" é dividido em oito episódios, cada um explorando diferentes aspectos do universo das milícias e da criminalidade no Rio de Janeiro: "Memórias de um miliciano": Narra a história de Lobo e sua busca pela verdade por trás das paradas. "A pedagogia da violência": Aborda as últimas notícias de uma longa guerra particular. "Bicho Solto": Explora os diferentes aspectos do crime. O lado A e o lado B do Rio. "Os Fuzis": Detalha a guerra sangrenta entre os donos do morro. "Todo Azul": Analisa o novo cenário do crime. "Adriano": Conta a história de como um policial militar promissor se tornou o assassino mais famoso do país. "Autor desconhecido": Revela uma imensa sala de inquiridos trancada. "Se benze que dá": Aborda a ideia de que todos estão sofrendo da mesma maneira. A produção oferece uma análise da estrutura da organização das facções criminosas, proporcionando uma perspectiva autêntica daqueles que experienciam diretamente essa realidade.

A proposta central deste artigo é realizar uma análise dos discursos apresentados no primeiro episódio do podcast. Para enriquecer essas análises, optamos por fornecer uma contextualização através de uma linha do tempo. Essa abordagem visa não apenas oferecer uma compreensão mais abrangente do primeiro episódio, mas também

estabelecer uma base sólida para os episódios subsequentes. Ao traçarmos essa cronologia, que abrange desde o significativo fluxo migratório do Norte e Nordeste para o Rio de Janeiro a partir de 1950 até eventos contemporâneos como a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República e o surto da pandemia no Brasil.

O podcast realiza uma tarefa densa ao construir uma ponte entre esses momentos históricos e sua conseqüente repercussão dentro das milícias e seus comandos nas comunidades do Rio de Janeiro (conforme Linha do Tempo, a seguir, elaborada pela autora deste artigo). Além disso, explora como as alianças são forjadas entre as milícias e os indivíduos no poder, tanto em nível comunitário quanto dentro do Estado. Essa investigação não apenas enriquece nossa compreensão das dinâmicas políticas e sociais na cidade, mas também lança luz sobre a interconexão entre passado e presente, evidenciando como eventos históricos moldaram o cenário atual das milícias no Rio de Janeiro e no Brasil.

## Linha do Tempo



**FONTE:** Linha do tempo elaborada pela autora com base na análise dos oito episódios do podcast.

Segundo Bruno Manso, a origem precisa da milícia é uma tarefa desafiadora de mapear. Os modelos estabelecidos nos anos 90, como os de Rio das Pedras e Campo Grande Santa Cruz, servem como referência. Essas milícias operavam em torno de associações de moradores, geralmente dominadas por policiais, envolvendo atividades como o controle de Vans e a cobrança de taxas de extorsão.

O delegado Vinícius, um dos personagens do primeiro episódio, esclarece a diferença entre dois tipos de grupos criminosos, usando a analogia da mineração.

“Mineira tem haver com a atividade de mineração. Os policiais mineiros vão atrás das pedras preciosas para ganhar dinheiro no meio da lama e nesse contexto mineiro é usado com dois significados. A mineira da polícia, são policiais corruptos que chegam até os bandidos procurados para ganhar uma grana deles e soltar em seguida. A mineira ou polícia mineira, e a mineira raiz. Que é um grupo de agentes de segurança de um bairro que assume o controle do lugar e passa a ganhar dinheiro com isso. Essa segunda vertente está muito ligada aos bairros de Rio das Pedras e Jacarepaguá, na zona oeste do Rio. Além dessas duas definições, têm os grupo de matadores da baixada, que em algum momento foram chamadas de mineiras.” Esclarece o Delegado.

Esses grupos, para o delegado Vinicius possuem um perfil bastante diferente. Ele chama de “Coronelismo metropolitano.” Essa configuração parecia consolidada até os anos 2000, quando as milícias passaram por uma transformação significativa, expandindo-se para novas áreas. Essa expansão teve um marco definido com policiais direcionando sua atenção para o dinheiro e o poder detidos pelos traficantes, como entenderemos melhor a partir das análises .

"A República das Milícias" apresenta uma série de reportagens que expõem uma ferida profundamente enraizada na sociedade brasileira, proporcionando uma compreensão mais ampla sobre as origens e o impacto das milícias. A produção não apenas informa, mas também desafia os ouvintes a refletirem sobre o papel das instituições e da sociedade na construção de um futuro mais seguro e justo para o Rio de Janeiro.

Em nosso estudo, o Podcast "República das Milícias" emerge como uma plataforma de análise fundamental para compreender as dinâmicas que permeiam a realidade das comunidades cariocas. Este estudo visa explorar e analisar os discursos apresentados no podcast, com o intuito de desvendar as nuances das relações de poder, masculinidade, violência e corrupção, assim como suas interações complexas com as instituições oficiais e o Estado. Para isso, fundamentamos nossa análise nos aportes teóricos da Escola Francesa de Análise do Discurso.

Neste artigo, temos como objetivo mergulhar nos recursos discursivos presentes no Podcast "República das Milícias" e desvendar como as milícias articulam sua autoridade e influência em meio aos contextos sociais e políticos das comunidades em que operam. Através de fragmentos coletados do podcast, buscamos identificar as estratégias discursivas utilizadas pelas milícias para legitimar e perpetuar sua presença e controle.

Um aspecto fundamental explorado é a representação de masculinidade nos discursos das milícias. Investigamos de que maneira esses grupos constroem e reforçam uma identidade masculina hegemônica, associada à ideia de força, autoridade e controle. Compreender como as representações de masculinidade são elaboradas e difundidas nas narrativas das milícias é essencial para entendermos as dinâmicas de poder e dominação presentes nessas organizações.

Analisaremos as estratégias linguísticas empregadas pelas milícias para justificar e perpetuar a violência como meio de controle social. Buscamos identificar padrões discursivos que reforcem a legitimidade da violência e sua instrumentalização como

ferramenta de imposição de ordem e disciplina nas comunidades sob influência das milícias.

O primeiro episódio, intitulado "Memórias de um Miliciano", oferece uma ampla gama de material para análise, resumindo os temas tratados ao longo de toda a série. Neste episódio, são apresentadas as perspectivas de três personagens principais. O delegado Vinicius Borges, mencionado pelo seu nome real, oferece um resumo histórico das origens e desenvolvimento das milícias no Rio de Janeiro, contextualizando sua evolução até os dias atuais. "Lobo" e "Francisco" são utilizados como nomes fictícios para representar dois personagens reais que compartilham suas experiências dentro do contexto das milícias.

"Lobo" relata sua trajetória, marcada por um fascínio pela violência desde a infância, e seu posterior envolvimento nas atividades da milícia na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ele descreve as estratégias empregadas pelas milícias para conquistar apoio da comunidade, incluindo ações aparentemente altruístas e demonstrações ostensivas de poder.

O relato de "Francisco" complementa a compreensão da influência das milícias nas comunidades cariocas, destacando o processo de recrutamento, a imposição de taxas e tributações coercitivas, além da mudança na percepção da milícia ao longo do tempo.

Dentro desse contexto, são analisados trechos dos discursos desses três personagens, que fornecem entendimento sobre o cotidiano das comunidades sob controle das milícias, bem como a interação do estado. Nesse contexto, este estudo opta por uma análise específica deste primeiro episódio, explorando os discursos e seus aspectos de poder, masculinidade, corrupção e violência.

### **3. Os diferentes e diversos discursos em “A República das Milícias”**

Em nossa análise, buscamos compreender discursos por meio das práticas discursivas em diferentes contextos sociais explicitados no Podcast selecionado. Dessa forma, pautamo-nos em Brandão (2004), para quem entender o sentido de um discurso, é preciso compreender o conjunto dos elementos que cercam a produção de um discurso: contexto social-histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e o assunto de que estão tratando.

A forma como as ideias de um grupo são difundidas pode divergir entre diferentes indivíduos, ou seja, entre sujeitos-falantes distintos. Cada pessoa tende a adotar um estilo de expressão, tanto verbal quanto escrita, que é moldado pelas circunstâncias específicas de suas vidas. Essas circunstâncias incluem não apenas fatores como educação, cultura e ambiente social, mas também experiências pessoais, traços de personalidade e até mesmo influências emocionais. Portanto, a maneira como um indivíduo se comunica e transmite ideias reflete não apenas o contexto social mais amplo, mas também sua própria história única e as nuances de sua identidade.

Um dos protagonistas no primeiro episódio do podcast relata um momento crucial em sua infância, no qual começou a compreender a influência e o poder exercido pela milícia em sua comunidade. Sua narrativa sugere a testemunha de uma série de eventos marcantes que moldaram sua percepção ainda na infância. Dentre esses episódios, um em particular destacou-se, contribuindo para a formação de sua visão de mundo e entendimento das dinâmicas sociais em seu contexto local. Nesse contexto, é crucial compreender que, ao expressar uma ideia, tanto o sujeito quanto o significado estão predefinidos pelo entrelaçamento da língua com a história, mediados por uma identificação muitas vezes involuntária ou inconsciente com uma determinada formação ideológica (SOUZA, 2011, p. 63).

“Estava na porta da avenida. Tinha uns 8 anos, passou dois escurinhos, dois negrinhos, e Ele parou, colocou os caras na parede e matou os dois caras. E eu vendo tudo, daqui pra ali. Eu tava sentado ali naquele lado, tinha um boteco, ele pediu uma cerveja e uma Coca-Cola. Ele me deu a Coca-Cola, eu peguei tremendo. A viatura passou, olhou e ele: Tá tudo comigo.”

O relato do Lobo, contextualiza como se definiu a sua formação ideológica, através das atitudes e representações de poder que ele presenciou ao seu redor. A construção das diversas camadas com base no medo, abuso de poder e violência. O narrador descreve uma cena violenta testemunhada por ele, quando criança. A descrição dos indivíduos mortos como "dois escurinhos, dois negrinhos" sugere uma dinâmica racial presente no ambiente social em que o evento ocorre. A narrativa revela a posição de vulnerabilidade e impotência do narrador diante da violência presenciada, destacando seu papel como um observador passivo do evento. Sua reação ao receber uma Coca-Cola de "Ele", tremendo de medo, demonstra o impacto psicológico do evento em sua percepção de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Brandão (2004) afirma que o sujeito é marcado pela historicidade, aquele situado na história da sua comunidade. Ao relacionar esses elementos com a abordagem de Brandão, percebemos a importância de considerar o contexto social-histórico, os interlocutores, a imagem que fazem de si e o assunto tratado para uma compreensão mais profunda do discurso. O relato do narrador revela as complexas interações entre indivíduo e sociedade na construção de significados e identidades, destacando a historicidade e a situação do sujeito na história de sua comunidade como elementos essenciais para compreender sua visão de mundo e sua formação ideológica.

## Discurso e Poder

A dominação através da linguagem é um conceito central nas teorias críticas da ideologia e do poder. Este processo implica que o controle discursivo parece ser a chave para a conquista e manutenção do poder por parte da ideologia dominante.

[...] o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isso a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (Foucault, 1996, 10)

No trecho citado, Foucault (1996) ressalta que o discurso não serve apenas para traduzir lutas ou sistemas de dominação, mas é, em si, o objeto pelo qual se luta e o poder que se busca. As milícias usam dessa importante ferramenta dentro das comunidades. O controle discursivo exercido pelas milícias envolve a imposição de narrativas e valores que legitimam sua presença e ações dentro das comunidades. Essas organizações não se limitam a usar a força bruta; elas também se engajam em uma forma de "guerra psicológica" através da linguagem e da comunicação. Ao dominar o discurso local, as milícias conseguem moldar a percepção dos moradores, apresentando-se como protetores e benfeitores em vez de opressores.

“Ele andava cheiroso, bem-vestido, um cara bem apessoado e extremamente inteligente. Eu falava assim: Se um dia eu for dono de milícia, seria como esse cara. Ele via um moleque andando descalço. Ele: tá descalço porquê? Meu chinelo arreventou, não sei o que. Ele: Tá com o cabelo grande, tá parecendo um mendigo. Pode ir lá no barbeiro, cortar o cabelo que tu quiser e falar que fui em que mandei. Pode ir lá na venda, botar na minha conta, pegar um chinelinho pra você. Não quero ninguém andando sem chinelo. Caralho! Ajudando todo mundo. Ele que me falou isso: O segredo

da gente ganhar a comunidade é fazer por eles o que o estado não quer fazer. Até escola particular pra criança especial, eu tô pagando aqui.”

No trecho da entrevista de Lobo com Bruno Paes Manso, observamos várias estratégias de controle discursivo empregadas pelas milícias. Primeiramente, as milícias constroem uma imagem de benfeitoras e protetoras da comunidade, assegurando que nenhum morador ande descalço ou malcuidado. Essa prática cria uma imagem positiva e gera lealdade entre os moradores. Em seguida, as milícias se colocam como substitutas do Estado, oferecendo serviços que deveriam ser providos pelo governo, como educação e cuidados básicos. Essa substituição legitima sua presença e suas ações na comunidade. Através de gestos de assistência e cuidado, as milícias ganham a confiança e o apoio dos moradores. Esses gestos reforçam a narrativa de que a milícia é indispensável e benevolente, mesmo quando suas ações são violentas.

“Pra funcionar, você tem que chegar e fazer um churrasco lá na esquina. Botar quinze, vinte homem de fuzil na esquina, pra o morador vê. Nossa! Os cara chegaram! Eles tem que ficar aterrorizado.”

No trecho citado, a linguagem utilizada expressa uma interação de poder e controle social que se relaciona diretamente com os conceitos de Bourdieu (1989). Bourdieu argumenta que os símbolos desempenham um papel fundamental na integração social, agindo como instrumentos de comunicação e conhecimento que possibilitam o consenso sobre a realidade e o mundo social. No discurso em análise, os elementos simbólicos como o churrasco e a presença de homens armados representam não apenas atividades concretas, mas também símbolos de poder e controle.

A crença coletiva na legitimidade dos símbolos de poder e daqueles que os empregam é o que permite a manutenção da ordem estabelecida. No discurso, a legitimidade é

buscada através da demonstração ostensiva de poder, como evidenciado pela sugestão de realizar um churrasco na esquina com a presença de um grande número de homens armados. A reação esperada dos moradores, expressa pela frase "Nossa! Os cara chegaram! Eles tem que ficar aterrorizado", indica a busca por consenso através da imposição de uma narrativa de poder e domínio.

Essa fusão singular de atividades, como eventos sociais como churrascos, com a presença evidente de armamento, que se mescla com o temor da influência do tráfico de drogas, constitui a estratégia pela qual as milícias obtêm a simpatia e o respaldo de uma parte significativa dos residentes.

“O gás, antigamente a gente obriga o morador, se ia comprar fora a gente: Meu irmão, se sair pra comprar teu gás, a gente vai tomar teu gás. Eu me lembro que eu toquei fogo uma vez, em uma moto de um moleque. Ele entrou lá na comunidade pra vender gás. Moço, se os cara te pegar aqui, eles vão te matar, mas como eu era muito de ideia... Ele: Meu irmão, se tu quer saber ... (O lobo acabou levando o problema para o policial chefe da milícia ) O que é que eu faço? Eu mato esse moleque? Ele: Toca fogo na moto dele. Quando ele chegou lá, tirei ele da moto e toquei fogo na moto dele.”

No relato fornecido, observamos a descrição de práticas coercitivas utilizadas pelas milícias para impor controle sobre as comunidades. Essas ações vão além do discurso de proteção e segurança, revelando uma realidade marcada pela tirania e pelo abuso de poder. A narrativa apresenta uma dinâmica baseada no medo e na intimidação. A ameaça de violência, como incendiar a moto de um vendedor de gás, ilustra a brutalidade com que as milícias operam para impor sua autoridade.

A construção argumentativa das milícias, apresentada como uma forma de ditadura protecionista, revela uma contradição fundamental entre a retórica de segurança e a realidade de opressão vivenciada nas favelas do Rio de Janeiro. As análises desses trechos evidenciam como o controle discursivo é fundamental para a manutenção do poder por parte das milícias, destacando a importância da linguagem e da comunicação na construção e na perpetuação das relações de dominação e submissão dentro desses espaços sociais.

### **Discurso e Masculinidade**

De acordo com Scott (1995), o conceito de 'gênero' é entendido como "construções sociais" sobre os papéis atribuídos a homens e mulheres em uma realidade social específica. Isso significa que ser homem ou mulher envolve a incorporação dessas construções sociais pelos indivíduos. Scott define 'gênero' sugerindo duas proposições principais: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (p. 86).

Korin (2001) argumenta que falar sobre gênero exige a consideração de vários fatores e marcadores sociais, como etnia, classe social, raça, idade e questões socioeconômicas. Esses fatores atravessam a concepção de gênero, afastando-se de uma definição monolítica e estereotipada, e revelando uma pluralidade de modos de ser, como se pode observar no diálogo a seguir:

“Bruno: As Pessoas querem ordem, pelo pastor, pelo crime...

Delegado: Fazer desordem é melhor que a ordem. Que ordem, neh? Eu acho legal ordem, mas que ordem?...

Bruno: Mais associa a violência a ordem.

Delegado: Violência? Que ordem é essa?

Bruno: Uma ordem masculina e violenta. Um universo masculino.

Delegado: completamente

Bruno: Um universo masculino, malandro, violento.

Delegado: Essa é a ética. Se a gente pode chamar de ética.”

Esse diálogo entre Bruno Paes e o Delegado Vinicius revela múltiplas camadas de significados sobre a percepção de ordem, violência e masculinidade em contextos dominados pelo crime. Quando Bruno menciona que essa ordem é masculina e violenta, o Delegado concorda, confirmando que o ambiente descrito é predominantemente masculino e violento. O uso da palavra “masculina” implica uma crítica à masculinidade hegemônica, associada à violência e ao controle.

A falta de registros e fontes resulta na ausência na historiografia e no apagamento histórico. Sendo o gênero um "elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos", ele é "uma primeira forma de dar significados às relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 86). Nesse contexto, o ser homem existe em relação ao ser mulher (e vice-versa) em uma determinada realidade social, onde os papéis socialmente atribuídos disfarçam desigualdades justificadas pelo sexo.

“ Era muita piranha, os cara a maioria tem verba, tem puteiro. Ah vamos embora ali, vai ter churrasquinho no puteiro do fulano. Polícia tal. Tá vamo embora. Arrumei mulher pra caralh\*. Boa parte do meu declínio do meu primeiro casamento foi por causa disso.”

A expressão "Era muita piranha" é uma linguagem ofensiva e objetificante para se referir às mulheres, evidenciando uma visão desumanizante delas, reduzindo-as a meros objetos sexuais disponíveis para os homens. A continuação da frase, "os caras a maioria tem verba, tem puteiro," sugere que os homens envolvidos têm recursos financeiros e acesso a bordéis, associando o poder econômico ao acesso e controle sobre os corpos das mulheres. A menção ao "churrasquinho no puteiro do fulano" revela como esses ambientes de prostituição e exploração sexual são naturalizados e integrados às atividades sociais dos homens. Esse comportamento reflete uma ética masculina que

valoriza a exibição de poder e controle, tanto econômico quanto sexual. A frase "Polícia tal. Tá vamo embora" indica que esses eventos são frequentes e aceitos socialmente entre esses grupos, incluindo membros das forças de segurança, o que aponta para uma cumplicidade institucional e um ambiente permissivo para tais práticas.

Quando o crime é dominado por homens e as mulheres são vistas apenas como objetos, compreendemos que essa representação masculina é resultado da internalização de identidades moldadas ao longo dos séculos de patriarcado. O efeito prático é a perpetuação dessa dominação e estrutura dentro do crime.

Segundo as pesquisas de Bruno, o cerne de sua investigação está centrado no poder e na masculinidade, com a violência sendo considerada apenas como um meio para esse fim. O relato do repórter foi corroborado pelo Lobo, que conduziu-o ainda mais profundamente nesse intrincado universo, proporcionando uma compreensão mais ampla das dinâmicas presentes. Essa análise visa contribuir para um entendimento mais aprofundado dessas comunidades e suas complexidades

“Que é que acontece, o cara entra, as mulherzinha começa a dar mole, os cara se perde. Tá entendendo? Então, eu tinha 4 a 5 mulherzinha lá dentro. Só que os polícia, eles falavam assim: Olha só, não pega mulher dentro da comunidade. Se tu quer um serviço tu marca, leva pra um hotelzinho, nao pega aqui mano! Senão daqui a pouco as mulher que vocês pegam vão se envolver em problema e vocês vão ter que tomar partido nisso.”

A narrativa apresentada pelo Lobo revelou de forma clara a complexidade das relações entre homens e mulheres, dentro da criminalidade, acrescentando uma nova dimensão à compreensão das interações e das hierarquias presentes nesse contexto. O emprego do termo "mulherzinha" ressalta a subjugação das mulheres, destacando ainda mais sua falta de poder e autonomia. É interessante observar que o próprio narrador reconhece

sua participação nesse comportamento ao mencionar que mantinha múltiplos relacionamentos com mulheres. Isso indica uma internalização da cultura de masculinidade dominante, na qual a conquista e o controle sobre as mulheres são vistos como símbolos de status e poder masculino.

Segundo o relato de Manso, não eram apenas os casamentos dos milicianos que estavam ameaçados devido às suas relações com as mulheres. "Senão daqui a pouco as mulheres com quem vocês se envolvem vão se meter em problemas e vocês terão que tomar partido nisso. " Isso significa de quando as milicias começavam a se envolver com muitas mulheres ao mesmo tempo e isso poderia gerar conflitos internos e externos, causando problemas entre eles. Essa tipo de situação recebeu uma designação mais formal no âmbito policial, sendo conhecida como "Sofrer de Forte Emoção". Essa terminologia foi explicada durante a entrevista com Lobo.

"Tu não pode falar muito de dinheiro para o policial. A polícia tá trabalhando, meu irmão, mexe com a minha mulher, mas não mexe com meu bolso. Meu bolso dói mais do que a parte do meu corpo." Trecho da entrevista do Lobo.

Vamos decompor esses elementos e como eles se inter-relacionam à luz da teoria defendida por Greogolin (2003) ao afirmar que compreender o discurso é passar da funcionalidade, é descobrir como a língua pode estar acumulando ou traçando significados de outrem, da intenção de outrem, e tentar delinear o discurso com outros significados que não aqueles do seu enunciador; é despír a língua de um vestuário e lhe dar outro.

Desnudar a língua consiste em reconhecer os preconceitos e valores embutidos nas falas. No exemplo, há um machismo evidente e uma normalização da corrupção que precisam ser identificados e questionados. A fala revela um machismo implícito ao sugerir que a infidelidade é menos importante do que a interferência financeira. A mulher é vista como parte da "propriedade" do homem, mas não tão crucial quanto o dinheiro.

A hegemonia masculina, destacada através da objetificação das mulheres e da normalização da violência, é um fenômeno profundamente arraigado na história e na estrutura social. A linguagem depreciativa e objetificante usada para se referir às mulheres, juntamente com a associação entre poder econômico e controle sobre os corpos femininos, evidenciam a perpetuação de desigualdades de gênero e a naturalização de comportamentos prejudiciais. A interseção entre masculinidade, violência e corrupção revela a complexidade das relações de poder em contextos marginalizados, onde a ética masculina muitas vezes dita as normas e os padrões de comportamento.

### **Discurso e Violência**

Para Brandão (2004), a noção de história é fundamental, pois, sendo marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. E porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, a concepção de um sujeito histórico articula-se com outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro.

Neste entendimento da importância da história na constituição do sujeito, considerando a representação de sua voz e de outras vozes através de um recorte de representações, analisemos como os discursos de violência surgiram e se consolidaram nas comunidades do Rio de Janeiro.

Um dos personagens mais conhecidos na história do Rio de Janeiro, conhecido como "o homem da Capa Preta", é Tenório Cavalcante. Ele liderava os matadores da Baixada, representando um capítulo sombrio na história da região. Tenório, que foi vereador e deputado nas décadas de 1950 e 1960, comandou um grupo de extermínio na Baixada Fluminense, contando com o apoio de empresários locais. Sua presença na política não

apenas lhe conferia imunidade, mas também uma aura de autoridade que ele utilizava para impor suas próprias visões de justiça.

Tenório Cavalcante levava uma submetralhadora MP-40 para o parlamento, apelidada de "Lourdinha". Essa atitude simbolizava a síntese de sua ideia de fazer justiça com as próprias mãos, uma prática que desafiava os limites da legalidade. A presença de Tenório na política, combinada com sua liderança em um grupo de extermínio, revela uma interseção perigosa entre o poder político e as atividades criminosas na Baixada Fluminense.

A trajetória de Tenório Cavalcante é emblemática para compreender a complexa relação entre discurso e violência nas comunidades do Rio de Janeiro. As práticas violentas e o controle discursivo exercido por figuras como Tenório são indicativos de como a violência pode ser institucionalizada e legitimada através de narrativas de poder e autoridade.

“Era assim a luz do dia, fuzilaram em praça pública pra todo mundo vê, pra saber como é que a banda tocava.” Depoimento do delegado Vinícius.

Esses atos violentos são justificados como medidas de controle e punição, refletindo um discurso de imposição de ordem por meio da força. Enquanto se autoproclamam como protetores, suas ações demonstram um regime de tirania que subjuga os moradores e perpetua um ciclo de violência e medo.

As milícias introduzem nas comunidades um senso de "justiça com as próprias mãos", disfarçado pela ilusão de proteção, devido à presença de agentes do Estado entre seus membros. Elas preenchem o vácuo deixado pelo governo, oferecendo segurança que deveria ser garantida pelas instituições públicas.

“Os líderes são agentes do estado, os caras têm uma noção maior de institucionalidade, educação. Então, eles vendem uma ideia falsa, claro, que eles estão ali para combater o tráfico. Isso nunca foi verdade. A hipocrisia social do Rio de Janeiro aceitou isso.” Depoimento do delegado Vinícius.

Gregolin (1988) propõe que a linguagem é um veículo essencial para a ideologia, refletindo e reforçando as relações de poder existentes. No exemplo analisado, um comerciante é forçado a pagar uma taxa de proteção sob a ameaça de violência:

“Tinha um conhecido que tinha uma loja de videogames, uma lan house. Se recusou a pagar a taxa, aí eles: tá bom, se não vai pagar, então posso te proteger. Aí no dia seguinte entraram e roubaram todos os videogames. E a desculpa era: mas você não pagou a taxa. Eles cometem um crime, pra ter a justificativa de você pagar a segurança, enquanto na verdade você tá pagando pra eles não te assaltarem. O meio é a violência, pra chegar no fim que é o dinheiro. Hoje em dia a violência justifica a proteção que é para poder gerar o dinheiro.” Depoimento de Francisco

Gregolin (2003) menciona que o poder alterna entre uma positividade e negatividade, mantendo a ideia de controle de uma minoria sobre a maioria. No caso da lan house, a "proteção" oferecida representa o aspecto positivo do poder, enquanto a violência usada para forçar o pagamento da taxa exemplifica seu lado negativo. Ambos os aspectos são utilizados para manter e reforçar a dominação econômica dos extorsionários sobre os comerciantes. A violência é utilizada não apenas como um meio de coerção física, mas também como uma justificativa discursiva para a extorsão. A frase "Eles cometem um crime, pra ter a justificativa de você pagar a segurança" destaca como a violência é estrategicamente empregada para criar uma narrativa que legitime a cobrança da taxa.

Esta prática discursiva se insere em uma formação ideológica que naturaliza a violência como uma necessidade para garantir a ordem e a proteção.

Foucault (1985) sugere que as relações de poder estão em constante negociação e que a resistência pode modificar as formas de dominação. “[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa.” (FOUCAULT, 1985, p. 241).

“Na minha época, como eu te falei, se o cara chegasse na comunidade (faz som de uma pessoa cheirando droga). O policial via, era coronhada de pistola no pau do nariz, até o melado descia com pó, o sangue descia com pó. Pra o cara ver o cara estava cheirando. Eu me lembro que uma vez, o cara pegou, filho, um moleque com cem gramas de maconha. A gente sabia que o moleque fazia um estacazinho, traficava ali, mas ninguém tinha prova. Os caras esperaram ele chegar, pegaram ele, os caras fizeram ele deixar. A maconha, 100 gramas de maconha, ela é aqui, se você está deixar ela não fica aqui, porque ela está prensada. Os caras fizeram ele deixar a maconha todinha e comer a maconha todinha com coca cola. O cara falou que o moleque ficou uns três dias no CTI. Quase morre, vomitando, vomitando, verde. Ninguém sabia o que que era. O que que é isso aí? Sei não, fiquei assim de uma hora pra outra.”

Ao compartilhar essas experiências, o narrador expõe não apenas a brutalidade e a violência abusiva das milícias, mas também da polícia. A descrição de forçar o jovem a "comer a maconha todinha com cola quente" é uma forma de tortura que busca não apenas punir, mas também humilhar e desumanizar o indivíduo. Este ato é uma demonstração clara de como o poder se manifesta através da crueldade física para

reafirmar a autoridade e o controle sobre os corpos dos sujeitos, servindo de exemplo para a comunidade. Segundo Foucault, o poder se manifesta nas práticas cotidianas e nas ações disciplinadoras que visam moldar o comportamento dos indivíduos. Neste contexto, a violência física é utilizada para impor medo e assegurar conformidade, funcionando como uma técnica disciplinar e exemplificadora para a comunidade.

Observamos nos depoimentos do Delegado Vinicius e do Francisco como o discurso revela a linguagem como um instrumento poderoso na materialização da ideologia e na sustentação das relações de poder. Esses discursos são sustentados pelas ações violentas de diversas vozes e ainda ressoam nos discursos contemporâneos, perpetuando práticas de violência e controle social. Essa influência ultrapassa as barreiras da comunidade, estendendo-se além das fronteiras do estado com a estrutura das milícias se expandindo por todo o Brasil. Esse fenômeno representa uma ameaça crescente à segurança pública, inserindo-se profundamente no tecido social do nosso país.

### **Discurso e Corrupção**

Moita Lopes (2002) enfatiza que o discurso deve ser percebido como uma forma de ação no mundo. Através do discurso, as pessoas não apenas comunicam, mas agem sobre o mundo e sobre os outros. Sabemos que a construção social através do discurso é um processo dinâmico e interativo, onde a linguagem serve tanto como um reflexo das práticas sociais quanto como uma força que as molda e transforma.

Um exemplo claro de como o discurso e a prática social interagem para moldar realidades complexas é a origem e evolução das milícias em Rio das Pedras. Inicialmente criadas como uma forma de autodefesa comunitária nas décadas de 1960

e 1970, essas práticas discursivas e sociais refletiam a necessidade de proteção da comunidade contra ameaças externas. No entanto, à medida que essas práticas foram replicadas e adaptadas em outras áreas, o discurso em torno da autodefesa se transformou, evoluindo para formas mais estruturadas de controle e coerção.

Essas milícias, que começaram como uma espécie de "polícia mineira" para proteger os moradores, passaram a exercer um controle mais amplo e sistemático sobre as comunidades, integrando-se ao tecido social e econômico local. Essa transformação de uma abordagem defensiva para uma forma de governança paralela reflete uma mudança no discurso e nas práticas sociais, onde o monopólio da violência é utilizado para estabelecer e manter o controle sobre a população e os recursos da região.

O delegado Vinícius esclarece que a transformação das milícias em uma nova forma de faturamento envolveu agentes de segurança que já atuavam fora da lei. Segundo ele, esses agentes, em sua maioria policiais militares, mas também incluindo pessoas do exército e alguns guardas municipais, estavam envolvidos em atividades ilícitas, como assassinatos por encomenda e operações financeiras não contabilizadas.

“Agentes do estado, principalmente policiais militares, mas não só. Tinha gente do exército, um guardinha municipal ou outro, que já trabalhava em determinadas áreas fazendo serviço sujo, matando o indesejado, trabalhando os caixas 2, os dinheiros não contabilizados. Eles perceberam o lance. E porra! Vamos fazer aqui na nossa área também. Isso que deu força pra eles. Eles começaram a arrecadar mais. Isso é de 99 pra dois mil. Isso que eu to te dizendo, praticamente não existe registro. No Tropa de Elite isso tá registrado, de uma maneira misturada. O que que aconteceu? Esse modelo se espalhou rapidamente. O cenário era propício pra isso.”

Essa percepção dos agentes de segurança sobre o potencial lucrativo das atividades criminosas em suas áreas de atuação marcou um ponto de virada. Ao notarem a possibilidade de ampliar seus ganhos através da extorsão e do controle coercitivo, esses grupos começaram a implementar o modelo das milícias em suas próprias regiões. O contexto da virada do milênio foi particularmente favorável para a disseminação desse modelo. A precariedade das instituições estatais e a corrupção endêmica forneceram um terreno fértil para que as milícias se expandissem rapidamente. Esse cenário propício não só facilitou o aumento da arrecadação por parte das milícias, mas também consolidou seu poder e influência nas comunidades onde atuavam.

Portanto, a combinação de uma estrutura estatal debilitada, a corrupção dentro das forças de segurança e a busca por novas formas de renda ilícita convergiram para a criação de um modelo de milícia que rapidamente se espalhou e se enraizou em diversas regiões do Rio de Janeiro, perpetuando um ciclo de violência e controle paralelo ao Estado.

A análise das milícias em Rio das Pedras se conecta ainda mais com o contexto das transformações sociais quando consideramos a trajetória de Lobo. Quando ele iniciou sua trajetória, a Cidade de Deus era o único território sob o comando do Comando Vermelho. Todos os demais morros no Rio de Janeiro estavam nas mãos de milícias.

"Era uma comunidade pequenininha, os caras estavam começando a se envolver com milícias. Iam pegar aquele negócio pequeno ali pra administrar. E se desse certo, iriam pra coisas maiores." Esses "caras" de quem o Lobo está falando são dois policiais. E, seguindo esse modelo que estava se consolidando, eram policiais do batalhão local.

"Tem que ter polícia no meio, se não, não vinga. Porque polícia se sente oprimido. Vê os cara entrando com cordão de ouro, arma, eles crescem o olho."

Analisar o discurso de Lobo é essencial para compreender como os significados e as narrativas são construídas e negociadas no contexto social das milícias. O discurso revela os mecanismos pelos quais a legitimidade e a autoridade são construídas e disputadas. Além disso, ele mostra como a percepção de opressão entre policiais pode ser instrumentalizada para justificar a participação em atividades ilícitas. Essa percepção de opressão é frequentemente alimentada por disparidades socioeconômicas e pela glamorização do poder e riqueza dos criminosos. Observem-se os depoimentos a seguir:

“O campo era perfeito para este tipo de negócio, facilitava, isso foi em uma velocidade impressionante. Então, áreas que já tinham policiais violentos e corruptos trabalhando pra político seja protegendo amigo ou inimigo, protegendo os caixas 2, a arrecadação informal paralela, isso foi que nem um rastro de pólvora e as receitas foram crescendo muito.”

“Geralmente eles cobram uma taxa significativa de morador e uma taxa maior dos comércios. Vamos supor, R\$20 reais por semana, quinzena, por mês, não sei. Vamos dizer, R\$20 e R\$50 pra comércio.”

Esses trechos narrados pelo Delegado Vinicius Borges, destacam quando a milícia passou a ser lucrativa dentro das comunidades. A descrição da reação dos policiais após a morte dos traficantes evidencia a transição para outras formas de arrecadação ilegal (como a cobrança por GatoNet e gás). A prática discursiva de narrar esse evento histórico legitima a origem e evolução das milícias como uma resposta pragmática à necessidade de continuar arrecadando fundos.

As falas do delegado refletem a representação das milícias como um "negócio" que encontrou um ambiente favorável para crescer. A prática da milícia está sendo moldada pela prática discursiva que a enquadra como uma extensão natural da corrupção pré-

existente. O Lobo, ao referir-se à sua participação em missões destinadas a perseguir traficantes, revela uma dimensão concreta e operacional do conflito entre facções criminosas.

“Eu entrava no batalhão, pegava fuzil.” Depoimento do Lobo

Manso expõe que o Lobo, embora nunca tenha exercido a profissão policial, possuía autorização irrestrita para acessar as instalações do batalhão da Polícia Militar, adquirir um fuzil e conduzir-se pela cidade.

“Tipo assim cara, eu na minha época, em que eu tava nesse meio da milícia, só andava com polícia, no lugar que eu morava, as pessoas só descobriram que eu não era policial quando eu fui preso. Tinha gente que era meu vizinho há cinco anos e não sabia. Eu entrava armado e saia armado. Operação, eu ia com polícia 18º Batalhão de viatura, eu tinha farda com meu nome e tudo.”

“Quando tinha ataque na Cidade de Deus, eu telefonava pra o comandante, o cara falava vai lá no 14 e pega a 7 FAL. A gente entrava lá dentro do 18º, na cautela de armas e saia de armas. A coisa que eu to falando, meu irmão é surreal! Entrar dentro do batalhão, sem ser polícia e tu pegar um fuzil acautelado pra matar, mas acontecia.”

Na perspectiva da Análise do Discurso (AD), o sujeito é influenciado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente. Isso significa que, ao contrário de algumas teorias da enunciação que consideram o sujeito como uno ou do cogito, na AD o sujeito é fragmentado, dividido e descentrado. Ele não é a fonte original dos processos discursivos que enuncia, pois esses processos são determinados pela formação discursiva na qual

o sujeito está inserido. No entanto, o sujeito tem a ilusão de ser a origem de seu próprio discurso (ORLANDI, 1998), conforme se observa a seguir, no depoimento de Lobo:

“A gente até treinamento militar fez, você tem que colocar uma camisinha na ponta dele, arma no cano, ele exige um cuidado melhor. Eles arrumaram um sargento do BOPE, a gente foi lá para o morro do 18, na parte da mata, ficamos 2 semanas lá tendo treinamento com 3 soldados do BOPE, guerrilha urbana.”

Esse relato do Lobo demonstra como o discurso e a ideologia da segurança se entrelaçam para moldar a prática e a percepção dos indivíduos. O treinamento descrito não é apenas uma preparação técnica, mas uma imersão em um conjunto de valores e práticas que legitimam o uso da violência como meio de controle social. O sujeito acredita estar adquirindo habilidades para a autodefesa e proteção, mas, na verdade, está sendo inserido em uma formação discursiva que naturaliza a violência. A linguagem usada ("treinamento militar", "sargento do BOPE", "guerrilha urbana") carrega consigo uma carga ideológica que reforça a aceitação e a normalização dessas práticas.

Durante os relatos do Lobo, do Delegado Vinicius e do Francisco, fica evidente a interdependência entre a polícia e as milícias. Ambos os grupos se beneficiam mutuamente, criando um jogo de poder e corrupção que só é viável com a colaboração do outro. A polícia muitas vezes depende das milícias para garantir certo controle sobre áreas marcadas pela violência e pelo tráfico de drogas, áreas onde o Estado tem presença limitada. Por sua vez, as milícias se aproveitam da corrupção e da fragilidade institucional para expandir suas operações ilegais, contando com a conivência ou até mesmo a participação ativa de membros das forças de segurança. Um ciclo vicioso de poder e corrupção, onde a linha entre as instituições estatais e as organizações criminosas se torna cada vez mais tênue.

## **Considerações finais**

Ao avaliar o papel da linguagem na criação e disseminação da narrativa que busca legitimar a presença das milícias nas comunidades cariocas, este estudo buscou contribuir para uma compreensão mais profunda dos mecanismos de poder e controle social operados por esses grupos. Por meio de uma análise dos discursos presentes no Podcast "República das Milícias", esperamos fornecer análises que podem contribuir para o debate acadêmico e político sobre as dinâmicas das milícias e seus impactos nas comunidades urbanas do Rio de Janeiro.

Ao longo das análises realizadas, foi possível perceber como esses discursos refletem não apenas as dinâmicas sociais e históricas das comunidades afetadas pelas milícias, mas também as experiências pessoais e as percepções individuais dos narradores. Reconhecer que os discursos não são apenas reflexos da realidade, mas também construções sociais que moldam e são moldadas pelas relações de poder, violência, masculinidade e corrupção presentes nessas comunidades. Através dos relatos reais dos personagens do podcast estudado, pudemos observar como as narrativas das milícias se entrelaçam com questões de identidade, pertencimento e resistência, influenciando a forma como os indivíduos se veem e são vistos dentro de suas comunidades.

Além disso, o exame dos discursos ressaltou a relevância de considerar a historicidade e a multiplicidade de vozes presentes nas narrativas sobre as milícias. Cada relato traz consigo uma perspectiva única, influenciada por experiências individuais, trajetórias de vida e contextos sociais distintos. Esses relatos não apenas expõem a realidade de opressão e abuso de poder, mas também destacam a importância da resistência e da denúncia dessas práticas para promover a justiça e a transformação social. Assim, a análise desses discursos nos convida a refletir sobre o papel da linguagem na reprodução e na contestação das estruturas de poder, enfatizando a necessidade de se

dar voz às vozes silenciadas e de se buscar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Essas narrativas, cuidadosamente coletadas e examinadas, oferecem uma janela para os mecanismos pelos quais as ideias são expressas, difundidas e internalizadas, frequentemente dominadas pela violência e pelo crime organizado. Essas estruturas incluem não apenas a presença das milícias e da polícia, mas também a pobreza, a desigualdade socioeconômica, a marginalização social e a corrupção sistêmica que caracterizam muitas dessas comunidades.

Ao examinar os discursos, podemos identificar padrões recorrentes que revelam estratégias discursivas específicas utilizadas para exercer e legitimar o controle sobre essas comunidades. Por exemplo, as milícias frequentemente se apresentam como protetoras e benfeitoras, oferecendo segurança e assistência às populações locais. Essa retórica de proteção é muitas vezes acompanhada por gestos simbólicos, como a distribuição de alimentos e serviços básicos, que visam conquistar a lealdade e a confiança dos moradores.

No entanto, por trás dessa fachada de benevolência, esconde-se uma realidade muito mais sombria. Como revelado nos relatos dos entrevistados, as milícias frequentemente recorrem à violência explícita e à intimidação para impor seu domínio sobre as comunidades. Essa dualidade entre a retórica de proteção e a prática da opressão destaca a complexidade das relações de poder nas favelas do Rio de Janeiro, onde a violência e a coerção muitas vezes são usadas como ferramentas para manter o controle sobre a população.

Além disso, a análise dos discursos também nos permitiu examinar as dinâmicas de gênero que permeiam esses contextos. Como observado nos relatos, a masculinidade hegemônica desempenha um papel central na estruturação do poder e da violência dentro das organizações criminosas. As mulheres são frequentemente objetificadas e

subjugadas, enquanto os homens consolidam seu status e poder através do controle sobre elas. Essas dinâmicas são reforçadas por uma cultura de machismo e uma cumplicidade institucional que permeia esses ambientes.

A interconexão entre as milícias, a corrupção e as instituições estatais delineia um cenário complexo e desafiador para a segurança pública no Brasil. A dependência mútua entre a polícia e as milícias, aliada à fragilidade institucional, fortalece um ciclo vicioso de poder e corrupção, em que as fronteiras entre o legal e o ilegal se confundem. Os discursos dos atores envolvidos refletem uma realidade concreta e, ao mesmo tempo, perpetuam ideologias que sustentam práticas violentas e de controle social.

Quando a corrupção está enraizada dentro do próprio Estado, enfrentar esse problema se torna ainda mais desafiador. Nesse contexto, é fundamental que existam mecanismos eficazes de controle e responsabilização para garantir que os agentes públicos cumpram suas obrigações de forma ética e legal. A persistência desse fenômeno representa não apenas uma ameaça à segurança pública, mas também um obstáculo para o desenvolvimento social e democrático do país. Sua superação requer um compromisso coletivo com a justiça, a integridade institucional e o respeito aos direitos humanos, visando construir uma sociedade mais justa, segura e livre da corrupção.

Diante desse quadro, é essencial fortalecer órgãos de controle interno e externo, como as corregedorias, as auditorias internas, os tribunais de contas e os órgãos de fiscalização, para investigar e punir casos de corrupção. Promover a transparência nos processos decisórios e nos gastos públicos, além de garantir o acesso à informação por parte da sociedade, ajuda a prevenir práticas corruptas e a responsabilizar os envolvidos.

## Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Unicamp: São Paulo, 2004.

Braga, Camila Fernandes. **Perspectivas Teóricas Para Uma Análise do Discurso Político**. Anais da SILEL, v.2, n. 2 Uberlândia, 2011. p.1-8.

Bourdieu, P. (1989). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Foucault, M. (1996). **A Ordem do Discurso**. 3ª ed., São Paulo: Edições Loyola.  
<https://www.voxmedia.com/2023/5/10/23718269/podcasts-a-new-era-of-influence>

GREGOLIN, R. Maria. Análise do discurso: **As materialidades do sentido**. São Paulo: Claraluz, 2003.

Korin, D. (2001). **Novas perspectivas de gênero em saúde. Adolescência Latinoamericana**, 2(2),67-79 .

MACHADO, Ida Lucia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Coimbra : Grácio, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Identidades fragmentadas. **A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

SILVA, S. P.; SANTOS, R. S. **O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa entre podcasts no Brasil e nos Estados Unidos em 2019**. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana, v. 11, n. 01, p. 49-77, Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4317>>. Acesso em: 07 maio de 2024.

Souza, P. de (2011). **Análise do Discurso**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. In [https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto\\_Análise-do-Discurso\\_UFSC.pdf](https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Análise-do-Discurso_UFSC.pdf) Acesso em: 18 abril de 2024.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., 1995.

ORLANDI, E. P. **Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito**. In: \_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. Campinas: UNICAMP, 1988.